

Índice

Uma ciência aberta ao teísmo	1
Cientistas e crentes	3

Uma ciência aberta ao teísmo

Cientistas e crentes partilham a mesma paixão pela verdade. Assim o testemunham os que se dedicam à investigação sem renunciarem às suas convicções. A sua experiência mostra não só que a ciência é compatível com a fé, como também que é um caminho para chegar a Deus.

Quando nasce um mito? Embora seja difícil datar o seu surgimento com exatidão, o que se refere ao suposto conflito entre religião e ciência aparece na mesma altura em que irrompeu o cristianismo, quando contra os que apontam que uma das principais contribuições da nova fé é servir de ponte entre Atenas e Jerusalém, há aqueles – seja do lado da filosofia ou da religião – que sublinham o dilema.

Desde então, foi uma constante do pensamento cristão recordar a benéfica aliança entre fé e razão. Tanto João Paulo II como Bento XVI insistiram em que unicamente assumindo a racionalidade de Deus e, portanto, da Criação, será possível o desenvolvimento científico e que a crença não o limita. Juntamente com eles, cientistas, crentes como não crentes, não só sugeriram que, na verdade, não existe conflito entre ambas as instâncias, como que, além disso, a fé operou em muitos casos como motor de novas descobertas.

Não existe antítese entre elas, dizem, porque tanto a fé como a ciência têm em comum a busca da verdade. Esta é a que as une. Trata-se de uma lição que não assenta exclusivamente na história da ciência, onde há inúmeros exemplos de reputados cientistas comprometidos com as suas crenças, desde Newton até Mendel ou ao próprio Galileu. É algo que também se retira da experiência pessoal dos que se dedicam à investigação, que

não se veem obrigados a abdicar da sua religião. Pelo contrário, sentem que a sua fé é um estímulo para a sua tarefa.

Deus, para lá da hipótese

Isto é o que afirmam Andrew Briggs e Andrew Steane, físicos da Universidade de Oxford. Num ensaio escrito juntamente com Hans Halvorson, professor de filosofia em Princeton, explicam que durante o exercício do seu trabalho no laboratório não encararam nunca a fé como um fardo. “Nunca tivemos a necessidade de deixar de lado a nossa identidade cristã”, dizem categoricamente.

Em [“It Keeps Me Seeking: The Invitation from Science, Philosophy and Religion”](#) (Oxford University Press), onde se incluem conversas entre os três autores, não procuram apresentar um tratado de apologética, nem expor complicados argumentos para demonstrar a existência de Deus. Estes cristãos não católicos pretendem superar o plano do teórico. De facto, um dos principais ensinamentos que se pode extrair da leitura do seu livro é precisamente que Deus, mais do que uma hipótese que exige comprovação, é uma pessoa com a qual o ser humano tem de se encontrar. O que não significa que rejeitem a teologia filosófica: Hans Halvorson, por exemplo, declara-se defensor da teodiceia que foi elaborada por [Alvin Plantinga](#) (“Aceprensa”, 10.9.2018).

Para um crente, Deus não é um postulado, advertem. Ao falar da transcendência é importante empregar a linguagem do encontro. E precisam: “O encontro não servirá para resolver nenhum problema científico, como a massa do sol, a causa do clima extremo, a estrutura do campo de Higgs ou o desenvolvi-

mento do motor do flagelo bacteriano, mas irá encorajar-nos diariamente no nosso trabalho de investigação, ajudando-nos a manter um alto nível de integridade científica”.

Os três concordam em que se criou um mito em torno do nível de exatidão alcançado pela ciência, como se o conhecimento aspirasse necessariamente ao que não admite dúvidas. Mas, apesar do que pensa a opinião pública, os cientistas aceitam que há coisas que não se podem explicar, do mesmo modo que devem aprender a desempenhar o seu trabalho num mar alto de inseguranças. Para Briggs, Steane e Halvorson seria absurdo exigir no caso da existência de Deus um grau de certeza que não tem paralelo no contexto da investigação empírica. Não contamos com evidências absolutas e temos de atuar dentro desse quadro. Como o cientista, também o crente é um “pesquisador” no meio das dúvidas e da obscuridade.

Paternalismo cientificista

Se sentiram a necessidade de escrever sobre estes temas foi com o objetivo de combater as duas posições que, atualmente, negam que possa existir harmonia entre fé e ciência. Por um lado, o cientificismo, que reduz a realidade ao mensurável e quantificável, e defende que não existe nada espiritual para lá do empírico. Por outro, a sua própria vivência levou-os a rebaixar a teoria dos magistérios não sobrepostos (*non-overlapping magisteria*, *NOMA*, nas suas siglas em inglês).

O cientificismo mantém uma atitude claramente hostil para com a crença religiosa. E para com os crentes, uma condescendência paternalista. Esta conceção nega, por razões de princípio, que possam existir formas de conhecimento diferentes das oferecidas pela ciência empírico-natural. Mas supor que o mundo se reduz unicamente aos fenómenos materiais é uma conclusão pouco rigorosa na lógica científica. “A ciência é a forma de conhecer a estrutura do mundo físico do qual fazemos parte, mas não um meio para reduzir-nos a nós mesmos e aos nossos semelhantes a meros objetos de escrutínio”.

É possível que a um olhar superficial se lhe escape que existem dimensões que transcendem o percebido através dos sentidos. Mas isso não pode acontecer com o cientista. Um olhar atento é capaz de descobrir que a realidade material remete para uma dimensão que vai além do físico e irreduzível. Neste sentido, a ciência abre caminhos e interrogações insuspeitas que ela própria não pode abarcar e que são, por assim dizer, a antecâmara da fé.

Enriquecimento recíproco

E que dizer dos magistérios não sobrepostos, a posição de [Stephen Jay Gould](#) (“Aceprensa”, 28.6.2000)? Para o biólogo norte-americano, não existe contradição entre ciência e religião pela simples razão de que não há nada que vincule estas duas instâncias. Constituem âmbitos separados e os confrontos surgem unicamente quando um magistério pretende impor-se ilegítimamente ao outro.

Esta forma de conceber a relação entre ciência e fé teve ampla aceitação porque, aparentemente, constitui uma via intermédia: não questiona a religião, nem a considera uma superstição enquanto obstáculo ao avanço científico, nem muito menos duvida do valor da ciência.

No entanto, são muitos os investigadores, especialmente crentes, que consideram esta solução pouco convincente. Owen Gingerich, professor emérito de astronomia da Universidade de Harvard e membro da American Academy of Arts and Sciences, mostrou como as convicções pessoais e a exploração do mundo natural se encontram entrelaçadas na história da ciência. Através de exemplos como o de Galileu, Gingerich defende que os cientistas têm preconceitos culturais e que estes, tanto para o bem como para o mal, são uma influência na sua atividade. É, portanto, pouco realista separar a religião da ciência.

A sua relação pode ser ocasionalmente conflituosa, mas ambas se enriquecem entre si. Gingerich pensa que, tendo em conta o prestígio contemporâneo adquirido pela ciência empírica, talvez seja supérfluo recordar os seus benefícios para o homem, mas não o é hoje apontar os da religião: também esta é imprescindível. Alude, por exemplo, aos ensinamentos morais que derivam das grandes religiões e que evitam que o progresso científico possa voltar-se contra os seres humanos.

Também para Briggs, Steane e Halvorson é questionável a opinião de Gould, e para o mostrar recorrem, novamente, ao seu dia-a-dia: neles, a dedicação à ciência tem implicação na sua vida espiritual. Ciência e fé são duas dimensões humanas cujo entrelaçar é inegável a partir da unidade do ser humano. Ser discípulos de Jesus é algo que marca toda a existência, afirmam expressamente.

Sem medo da ciência

“O notável progresso da ciência moderna” – defendem estes autores – “mergulha muitas das suas raízes nas crenças cristãs”. Para Gingerich, a investigação científica deve aceitar, para que faça sentido, que o universo é compreensível pela inteligência humana, e que esta é a prova mais palpável de um

Deus criador. Um universo sem Deus, afirma, é uma contradição.

Também para Briggs, Steane e Halvorson, a fé em Deus é fundamental na prática da ciência. Com efeito, esta última opera a partir de certos pressupostos, como a inteligibilidade do mundo natural, o que implica ordem e inteligência.

Se o cientista tem de vencer os preconceitos que possa ter sobre a religião, o mesmo esforço devem fazer os crentes para com a ciência. Não se deve ter medo do progresso e há que evitar esse receio de algumas pessoas com fé a olharem para as últimas descobertas, como se constituíssem uma ameaça para as suas convicções.

Não há, nem pode haver, nada na ciência que obrigue a renunciar ao teísmo, porque também a fé tem uma fonte racional. Pode-se mesmo dizer que a crença em Deus é o que sustenta o progresso: "A previsão mais razoável é que no futuro a ciência avançará e conseguirá explicar cada vez mais um maior número de fenómenos, embora haverá sempre coisas que não consegue explicar. Esta conceção é também a mais adequada num prisma teísta. Porque se o universo tem uma causa transcendente, o nosso desejo de compreender o universo nunca poderá ser satisfeito". Temas como a dor, a morte ou a injustiça mostram-no.

O ADN do Ocidente

Por outro lado, a harmonia entre razão e fé constitui, na opinião de Samuel Gregg, diretor académico do Acton Institute, o sinal de identidade do Ocidente. "Em nenhuma outra cultura" – escreve em "[Reason, Faith and the Struggle for Western Civilization](#)" – "se conseguiu esta integração de fé e razão de maneira tão sistemática ou por um período tão prolongado".

O concerto entre ambas as instâncias foi possível graças ao cristianismo, que combinou o legado da filosofia grega com o do judaísmo. Não acontece o mesmo noutras tradições religiosas, que, em vez de apresentarem Deus como *logos*, razão, se inclinam por uma conceção mais voluntarista.

Segundo o intelectual norte-americano, a ênfase que o Ocidente tradicionalmente colocou na busca da verdade explica as suas conquistas principais, tanto culturais como políticas. Acompanhando Bento XVI, Gregg relê o passado para advertir o leitor sobre as consequências a que pode levar o desencontro entre a razão e as crenças religiosas. Quando estas se separam da primeira, corre-se o risco de cair no sentimentalismo, esquecendo que a fé aspira à verdade. Igualmente, é fácil que a razão, abandonada à sua própria sorte, dê asas a posições como o ateísmo naturalista.

Gregg constata com preocupação o enfraquecimento desse vínculo depois do Iluminismo e examina as sequelas que deixou no presente. Se resulta tão idiossincrática essa unidade para o Ocidente, a sua perda pode desgastar a capacidade da cultura ocidental "para abordar as ameaças que emanam" tanto da perda das suas fontes primordiais, como das que provêm de outras culturas, conforme o comprova o terrorismo jihadista.

Nalguns casos, é necessária uma maior precisão e pode ser contraproducente o tom excessivamente pró-americano do seu discurso. Ora, o pessimismo de Gregg encontra alguns vislumbres de esperança. Encoraja a trabalhar de novo para restabelecer a concórdia entre razão e fé e defender os valores que dela dimanam – a verdade, a liberdade, a justiça, a racionalidade, etc.–, assim como aproveitar os pontos de encontro entre crentes e não crentes. Isso tornaria possível ao Ocidente a recuperação da sua profunda crise de identidade.

J. C.

Cientistas e crentes

Há nos Países Baixos um programa de televisão que entrevista cientistas que encontram na sua fé em Deus um estímulo para o seu trabalho.

"Andries en de Wetenschappers" ("André e os cientistas") é esse programa, semanal, da televisão desse país, emitido desde 2018. Emite-se através da cadeia estatal, financiada com dinheiro público, durante as horas reservadas à programação religiosa protestante. Pelo programa têm passado cientistas cristãos dos Países Baixos e estrangeiros que falam da sua especialidade, da sua vida e do impacto da fé no trabalho que realizam.

O criador e apresentador é o jornalista Andries Knevel (1952), que estudou teologia na Vrije Universiteit Amsterdam (Universidade Livre de Amesterdão). É casado, tem três filhos e é diretor de programação da emissora protestante EO.

O guia de TV anuncia o programa deste modo: "Terão algo que ver entre si a fé e a ciência? Ou, como proclamam alguns ateus, será a ciência a melhor maneira de perder a fé? De que forma abordam estas questões os cientistas que também são cristãos? Serão levados a sério pelos seus companheiros? Vivem em dois mundos, ou têm razões para acreditar em Deus precisamente devido aos seus conhecimentos científicos? Andries Knevel entrevista cientistas de prestígio para encontrar respostas a estas perguntas".

No seu programa, Knevel visitou diversas universidades e centros de investigação dos Países Baixos, e também alguns estrangeiros. Por exemplo, deslocou-se aos EUA para entrevistar Katharine Hayhoe, diretora do Climate Science Center da Texas Tech University.

Hayhoe é considerada uma das cem personalidades mais influentes do mundo. Integra o Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change), da ONU. No programa de Knevel, um colega perguntou-lhe porque se preocupa tanto com as alterações climáticas se está convencida de que Deus criou e governa o mundo. Ela responde que “Deus criou o mundo, mas deu-nos o cérebro e a liberdade para cuidar dele”. Considera que o conflito entre fé e ciência é algo provocado pelos que se metem a fazer ciência com a religião, ou pelos que querem solucionar questões religiosas a partir da ciência. Cita a [investigação da socióloga Elaine Ecklund](#), que entrevistou 1700 cientistas das instituições mais prestigiosas dos EUA, tendo verificado que 40 % são crentes.

Também estive no programa Eveline S. van Leeuwen (1978), professora de Economia Urbana na Wageningen University & Research (Países Baixos). É protestante e não considera haver nenhum conflito entre a religião e a ciência. No programa, explica que, com o seu trabalho, pretende alcançar um mundo mais sustentável e saudável.

Um físico na capela

Noutro episódio do programa televisivo, enquanto Andries Knevel caminha pelo *campus* da Universiteit Leiden, comenta que foi fundada em 1575 com dinheiro proveniente dos bens confiscados à Igreja católica. Guilherme I de Orange agradeceu assim aos habitantes de Leiden a sua resistência às tropas de Filipe II. A universidade deveria formar jovens protestantes na recentemente fundada República, livre já da coroa espanhola. Toda esta introdução para contar que, paradoxalmente, ia entrevistar Carlo, um católico praticante.

O Prof. Carlo W.J. Beenakker (1960), catedrático de Física Teórica, é um dos especialistas em física mesoscópica mais reconhecidos no plano internacional. Beenakker é um excelente orador e também é conhecido pela sua habilidade para popularizar a física. Com apenas 24 anos, obteve o seu doutoramento *cum laude*, e aos 31 anos foi um dos catedráticos mais jovens da Universiteit Leiden e também o primeiro professor de Teoria da Física Mesoscópica nos Países Baixos. Em 1999, ganhou o Spinozapremie (Prémio Spinoza), o mais prestigioso do país. É entregue aos investigadores dos Países Baixos que mais se destacam no respetivo campo e é dotado com 2,5 milhões de euros, destinados a novos projetos científicos.

Para responder a Knevel sobre a sua fé, Beenakker levou-o a uma capela situada próximo do canal mais central da cidade e

mostrou-lhe o Santíssimo Sacramento exposto na custódia dizendo-lhe: “Venho aqui todos os dias à missa. Nessa hóstia, Cristo está presente, vê-me e escuta-me. Para mim, o facto de que pessoas sem qualquer formação, ou com um alto nível académico acreditem igualmente, é de um imenso valor”.

Para a terceira temporada de “Andries en de Wetenschappers”, Knevel havia previsto viajar aos EUA para entrevistar cientistas das universidades de Harvard, Boston e Nova Iorque, mas as restrições provocadas pela Covid-19 obrigaram-no a limitar-se a cientistas crentes dos Países Baixos. “Descobri que são temas sobre os quais pensam com frequência e daí resultaram conversas interessantes”, comenta satisfeito.

C. M.